

AS CELEBRAÇÕES DO 20 DE SETEMBRO ENTRE OS IMIGRANTES ITALIANOS NO RIO GRANDE DO SUL¹

THE 20TH SEPTEMBER CELEBRATIONS AMONG ITALIAN IMMIGRANTS IN RIO GRANDE DO SUL

Antonio de Ruggiero²

RESUMO

Este artigo pretende reconstruir os eventos mais significativos e as dinâmicas que marcaram as celebrações festivas carregadas de significados identitários, organizadas a cada 20 de setembro pelos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, entre o final do século XIX e o início do século XX. Essa data representou por muito tempo a maior comemoração cívica na Itália, pois lembrava o evento da “Tomada de Roma” pelo exército italiano, quando, em 1870, se completou o processo de unificação política da península com a anexação do Estado Pontifício. Através de uma análise de conteúdo dos principais jornais publicados em Porto Alegre, reflete-se também a respeito da ressignificação de uma festividade “compartilhada” com os gaúchos — que, no mesmo dia, lembravam o início da Revolução Farroupilha — como possibilidade de maior afirmação e diálogo com a sociedade de acolhimento.

Palavras-chave: Imigração Italiana; Rio Grande do Sul; 20 de setembro; Celebrações.

ABSTRACT

This article aims to reconstruct the most significant events and dynamics that marked the festive celebrations imbued with identity meanings, organized every September 20th by Italian immigrants in Rio Grande do Sul between the late 19th century and the early 20th century. This date represented, for a long time, the most significant civic celebration in Italy, as it commemorated the “Capture of Rome” by the Italian army, an event in 1870 that marked the completion of the peninsula’s political unification with the annexation of the Papal State. Through a content analysis of the main newspapers published in Porto Alegre, this study also reflects on the reinterpretation of a festivity “shared” with the gauchos—who, on the same day, commemorated the beginning of the Farroupilha Revolution—as a possibility for greater affirmation and dialogue with the host society.

Keywords: Italian Immigration; Rio Grande do Sul; September 20th, Celebrations.

1 Este artigo recupera em boa parte, mas com atualizações e complementações, o conteúdo do capítulo de livro já publicado em língua italiana pelo autor: DE RUGGIERO, Antonio. *Le celebrazioni del “XX settembre” tra gli immigrati italiani nel Rio Grande del Sud*. In: RAMOS, Heloisa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio (Orgs.). *Festas, comemorações e rememorações na imigração*. São Leopoldo: OIKOS, 2014, p. 930-944.

2 Pesquisador bolsista de Pós Graduação em História (Programa PNPD Capes) e professor colaborador do Programa de Pós Graduação em História da PUCRS. Doutor em História moderna e contemporânea pela Università degli Studi di Firenze (2011). Especialista de História social da Imigração Italiana no Brasil com foco particular na imigração urbana, qualificada e empresarial; transnacionalismo econômico.

INTRODUÇÃO

Por uma curiosa coincidência, o dia 20 de setembro tem sido, por muitos anos, uma data importante tanto para os habitantes do Rio Grande do Sul, que comemoravam o início da Revolução Farroupilha, ocorrida em 1835, quanto para os numerosos imigrantes italianos presentes no Estado, que relembavam o momento da épica “*Breccia di Porta Pia*”, ou seja, a ocupação e tomada de Roma pelo exército italiano em 1870. Em 20 de setembro daquele ano, de fato, o processo de *Risorgimento*, que levou ao nascimento da nação italiana, foi concluído na península, pondo fim a uma longa fase histórica durante a qual o Papa governou como qualquer soberano temporal sobre um Estado de tamanho médio, como o Estado Pontifício. Roma, em poucos anos, se tornaria a capital do Reino da Itália.

Mesmo antes de 1895, o ano em que o primeiro-ministro italiano garibaldino Francesco Crispi incluiu formalmente o dia festivo no calendário civil da pátria, o 20 de setembro tinha sido a personificação mais imediata do princípio da nacionalidade, especialmente entre os italianos que viviam no exterior. A comemoração oficial continuaria até 1929, quando os Pactos de Latrão, assinados entre o governo fascista e o Vaticano, aboliram o feriado nacional em favor de uma reconciliação final entre o Estado e a Igreja.

Como apontaram os estudos de Maurizio Ridolfi, esse tipo de comemoração nacional-patriótica era necessário para a construção de universos simbólicos que pudessem dar legitimidade política às novas instituições, ainda muito fracas, nascidas com a unificação italiana. Apesar de seu caráter polêmico e das repulsas que uma parte do mundo católico mais intransigente manifestou desde o início, a festa do 20 de setembro, ao contrário da comemoração mais fria da Festa do Estatuto Albertino, até então contemplada como a principal celebração civil, despertou, mesmo na Itália, uma participação popular efetiva e mais espontânea (RIDOLFI, 2011, p. 38-44). Entre os imigrantes, não apenas no Brasil, isso se manifestou com força ainda maior, e a efeméride representou, por muitos anos, o evento mais expressivo para reacender as paixões de amor à pátria e restabelecer um princípio de identidade étnica, por meio da recuperação de mitos de fundação entre os quais, especialmente no Rio Grande do Sul, predominava a figura de Giuseppe Garibaldi, herói nacional a quem se atribuía o leandário lema “Ou Roma ou morte!” e, ao mesmo tempo, um herói gaúcho que havia se destacado na epopeia revolucionária farroupilha (FRANZINA, 1999, p. 18-19). Isso aconteceu apesar do caráter problemático da festa, que gerou forte impopularidade nos círculos católicos mais conservadores. Lembremos, a esse respeito, a atitude intransigente expressa pelo Papa Pio IX em face dos eventos que levaram à formação do Estado italiano e seu *Non expedit*, uma

disposição com a qual ele declarou inaceitável a participação dos católicos na vida política da Itália liberal já em 1868. Além disso, havia divisões internas no mundo secular devido à ambivalência que a data destacava entre um componente mais oficial e solene, que expressava uma forte entonação patriótico-militar, e outro de natureza mais secular e democrática.

1 O 20 de setembro ítalo-gaúchos

Entre os italianos no exterior, o 20 de setembro foi capaz de absorver algumas dessas contradições e se apresentar mais plenamente como a celebração de toda (ou quase toda) a nação. A principal preocupação em reforçar o conceito de “italianidade” e construir a própria especificidade étnica e cultural para marcar a diferença em relação aos outros grupos étnicos presentes no país anfitrião exerceu, em minha opinião, uma força agregadora mais tangível do que na pátria. Isso era evidente principalmente nos espaços urbanos, onde inúmeras associações italianas de inspiração secular, muitas vezes maçônicas e outras vezes mutualistas ou simplesmente recreativas, conseguiam mediar no dia da celebração entre os diferentes componentes ideológicos da comunidade italiana, que, permanecia dividida por regionalismos, sectarismos e culturas políticas contrastantes. Um exemplo paradigmático pode ser encontrado na própria sociedade *Vittorio Emanuele II*, que, fundada em Porto Alegre em 1877, lembrava em seu nome o soberano da Casa Savoia que havia liderado o processo de Unificação política com a criação de um reino italiano; mas, ao mesmo tempo, preservava as duas almas aparentemente divergentes do Ressurgimento italiano, a monárquica e a democrático-republicana. Na fachada do edifício, de fato, destacava-se o busto simbólico do rei, ladeado pelo de seu mais amargo antagonista político, Giuseppe Mazzini. Além dos dois, não poderia faltar um terceiro, o mais conciliador Garibaldi, “herói de dois mundos”, que foi nomeado presidente de honra da associação. Outro aspecto marcante é a participação do clero, certamente mais progressista e não intransigente, em algumas celebrações, como aconteceu, por exemplo, em Pelotas, quando em 20 de setembro de 1876, em um ambiente festivo, a pedra fundamental da nova sede da associação italiana “União e Filantropia” foi colocada pelo padre italiano da paróquia.

Mesmo nos núcleos urbanos da região de colonização agrícola italiana, que de qualquer forma se distinguiam do ambiente puramente rural onde a Igreja dominava absolutamente, o monopólio católico era contraposto por representantes de outras ideologias e tendências, que desenvolviam intensa atividade associativa e valorizavam o caráter laico da pátria recém-unificada (POSSAMAI, 2004, p.567). Ao mesmo tempo, muitas ve-

zes os párocos italianos, especialmente se pertencentes a ordens religiosas abertas ao respeito da italianidade - como os Scalabrinianos -, participavam das atividades organizadas pelas associações leigas, que nem sempre eram necessariamente maçônicas. Um exemplo pode ser encontrado na colônia Dona Isabel (hoje Bento Gonçalves), onde, não por acaso, a data de 20 de setembro foi escolhida para a inauguração da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Regina Margherita, em 1882. Desde os primeiros anos, o padre Giovanni Battista Menegotto atuou como inspetor na escola que funcionava dentro da própria associação (POSSAMAI, 2005, p. 103). Pouco tempo depois, o famoso imigrante vêneto de Marostica, Giulio Lorenzoni, autor das conhecidas *Memórias de um emigrante italiano*, utilizadas por gerações de pesquisadores para reconstruir os acontecimentos sociais das colônias italianas na Serra do Rio Grande do Sul, foi escolhido como professor dessa escola e depois secretário da associação. Ele era muito católico e, ao mesmo tempo, ativo na maçonaria local, e soube conciliar a fé espiritual com o amor à pátria (POLETTI, 2014, p. 35-37). Próximo às ideias republicanas e positivistas de Júlio Prates de Castilhos, estava sempre pronto a celebrar a data mais significativa do *Risorgimento* italiano, inclusive porque representava uma ocasião de confraternização com os gaúchos-farrapos, ao mesmo tempo em que respeitava a profunda religiosidade e devoção que os colonos do Vêneto preservavam com certo rigor (FRANZINA, 2014, p. 206-208). Isso também se verificou quando fundou o jornal Bento Gonçalves, que, no início do século XX, com o apoio do consulado italiano, promoveu uma reconciliação entre as forças antagônicas da Igreja e da Maçonaria na região colonial italiana (POZENATO; GIRON, 2004, p. 49-50).

A festa do 20 de setembro também era celebrada na vizinha Garibaldi, onde desde 1883 funcionava a sociedade *Stella d'Italia*, organizadora das comemorações que sempre incluíam uma procissão cívica e um rico desfile de bandeiras tricolores com o acompanhamento indefectível dos mais populares hinos patrióticos (CINQUANTENARIO, 2000, p. 418). Não é por acaso, em suma, que quando em 1905 o agente de imigração do governo brasileiro no Vêneto, Vittorio Buccelli, empreendeu uma viagem ao Rio Grande Sul, passando por Bento Gonçalves na data de 20 de setembro, teve a oportunidade de presenciar “uma grandiosa festa maçônica” acompanhada de música e dança, celebrada no meio do campo por famílias inteiras com crianças alegres e barulhentas (DE BONI, 1985, p. 126). O projeto católico-reacionário de buscar uma “Jerusalém celeste na Colônia” - usando a definição sugestiva de Luís Fernando Beneduzi -, livre dos perigos tentadores que, assim como acontecia na Itália, poderiam perturbar os costumes profundamente religiosos entre as comunidades de peninsulares presentes, foi muitas vezes abalado pela fuga desse sistema rigoroso e, ao mesmo tempo,

frágil. Ao simbolismo tranquilizador dos santos, da vida pacífica e de tudo o que os padres apresentavam como moralmente correto, contrapunham-se, mesmo no ambiente rural, novos costumes sociais e novas tendências que rompiam com a ordem estabelecida, inclusive no campo político (BENE-DUZI, 2001, p. 683-697).

2 O 20 de setembro na imprensa

É claro que essa dinâmica nem sempre assumiu uma forma pacífica e conciliatória. Um episódio de grande impacto na comunidade de Caxias do Sul, por exemplo, remonta a 19 de setembro de 1897, quando, na sociedade italiana local *Principe di Napoli*, o padre conservador Pietro Nosadini, juntamente com uma minoria de seguidores, se opôs à possibilidade de hastear a bandeira italiana no prédio da associação para celebrar o aniversário da tomada de Roma. Seguiu-se um violento tumulto com a intervenção do agente consular e do intendente municipal da cidade, mas, no final, a escolha patriótica da maioria e a aceitação do símbolo italiano prevaleceram³. O padre Nosadini, de Bassano del Grappa, havia assumido a paróquia de Santa Teresa de Caxias do Sul em 1896 e, desde o início de seu mandato, liderou uma batalha pessoal “contra o perigo maçônico”, organizando muitas Ligas Católicas em várias partes do território, cujo objetivo era a defesa do papado e a expulsão de elementos radicais que pudessem se opor ao poder eclesiástico na “pérola das colônias”. Essas ideias foram apresentadas no jornal católico-reacionário *Il Colono Italiano*, que o próprio Nosadini fundou e dirigiu de janeiro a agosto de 1898, em clara oposição ao jornal maçônico *O Caxiense*, que, ao contrário, defendia as celebrações civis do 20 de setembro como uma festa espontânea sentida por grande parte da comunidade italiana. As disputas com o componente leigo criaram vários incidentes na Vila de Caxias, culminando em um atentado contra o intendente municipal e a subsequente expulsão forçada do padre (POZENATO-GIRON, 2004, p. 540-544).

Em geral, toda a imprensa laica italiana, às vezes beneficiando-se do apoio consular, incentivou os imigrantes a respeitar essa celebração simbólica. Nas comunidades de imigrantes que se espalharam pelo mundo, a partir da formação do Estado unitário, a defesa e a consolidação de uma identidade coletiva italiana assumiram um papel central para evitar a dispersão ou o isolamento, até mesmo político, do próprio grupo étnico. As elites intelectuais estabelecidas nas várias coletividades de peninsulares consideravam a “nacionalização” das massas de compatriotas como neces-

3 *Correio do Povo*, 22 de setembro de 1897.

sária para contrastar com o risco de uma rápida assimilação nos lugares de acolhimento. A utilização de símbolos, alegorias identitárias e verdadeiras “liturgias cívicas”, recentemente muito bem analisadas por Fulvio Conti (CONTI, 2017; CONTI, 2021), também entrara no léxico comum dos principais jornais e periódicos étnico-burgueses, publicados nas localidades de imigração, com uma mobilização que se estendia ao mundo do associativismo mutualista, frequentemente apoiado pelas mesmas instituições diplomático-oficiais (DE RUGGIERO; BARAUSSE, 2022). Nas coletividades presentes nos centros coloniais e urbanos mais importantes do Rio Grande do Sul, foi evidente o esforço – quando se encontravam brechas permitidas pelas autoridades locais – para construir monumentos, epígrafes, nomes de ruas, elementos arquitetônicos; assim como a divulgação de bandeiras, hinos, pinturas, obras teatrais e musicais que pudessem falar aos sentimentos dos imigrantes, suscitando paixões e orgulho identitário. Muitos entre eles, principalmente nos contextos rurais das colônias, mais isolados e marginalizados do ponto de vista político e cultural, adquiriram um sentimento nacional verdadeiramente italiano somente nos novos destinos.

Nesse sentido, após sua formalização como feriado civil em 1895, o dia 20 de setembro tornou-se o tema de um grande número de publicações populares, edições únicas, gravuras e fotos, comparável, até certo ponto, ao que aconteceria com o 1º de maio. Foi, sobretudo, graças ao trabalho das numerosas associações italianas não religiosas, cujo objetivo era manter vivo entre os imigrantes e descendentes um forte sentimento de italianidade, que a comemoração assumiu o significado de grande festa pública, bem organizada e ritualizada por meio de discursos oficiais de autoridades diplomáticas, com a recuperação das marchas e dos hinos do Ressurgimento, a exaltação dos heróis nacionais e todo aquele aparato retórico capaz de reforçar uma identidade coletiva aparentemente sólida e compacta. Digo “aparentemente” porque essa imagem de unidade às vezes era reduzida ao dia da celebração, quando as inúmeras bandeiras tricolores, a música da nação e a estrutura simbólica patriótica só conseguiam esconder as muitas divisões internas da comunidade.

No caso do Rio Grande do Sul, como já disse, um único em todo o mundo, a comemoração assumiu uma dimensão ainda mais totalizante em função da sobreposição com o próprio “Vinte de Setembro”, que para os gaúchos lembrava a “tomada de Porto Alegre” em 1835, quando os rebeldes iniciaram a revolução independentista e republicana farroupilha. Alguns anos mais tarde, essa rebelião teria entre seus principais heróis as figuras de Giuseppe Garibaldi e um punhado significativo de jovens *mazziniani*⁴ que

4 Seguidores das ideias de Giuseppe Mazzini, intelectual e ativista político italiano.

havia escolhido o exílio no país sul-americano. A retórica ligada ao XX de setembro respondia também a uma lógica de mediação cultural dentro da política local. Como foi sublinhado por Núncia Constantino, na virada do século, com o novo presidente do Estado, Borges de Medeiros, elaborou-se uma narrativa de valorização do imigrante italiano, modelo de operosidade e propenso à assimilação. Sempre no mesmo período, o republicanismo no Rio Grande do Sul revitalizava o movimento literário e tardo-romântico que enaltecia a figura do “gaúcho” como “nativo puro, valente e generoso”. O culto do Garibaldi gaúcho, representado com o poncho e a cavalo, se fortaleceu. Em 1898, surgiu em Porto Alegre o “Grêmio Gaúcho”, a primeira associação regionalista e tradicionalista, criada pelo republicano positivista José Ce-zimbra Jaques. Nesse contexto, a Revolução Farroupilha assumia o primeiro plano na narrativa histórica rio-grandense (CONSTANTINO, 2007, p. 102). A construção identitária da italianidade, portanto, nessa data, não se deu por meio da oposição étnica aos brasileiros gaúchos e, particularmente no período influenciado pela política castilhistas, um sentimento de integração foi reforçado com a contemplação de cultos civis comuns aos dois povos. Por isso, em vários momentos, as comemorações se uniram ou, pelo menos, encontraram interessantes elementos de fusão.

Isso foi evidente, por exemplo, em Porto Alegre, em 1913, quando, na grande celebração por ocasião do 20 de setembro, as bandeiras italianas se juntaram às bandeiras brasileiras e, principalmente, às do Rio Grande do Sul. A data havia sido escolhida, de fato, para inaugurar uma estátua representando o herói de dois mundos com sua esposa brasileira Anita ao seu lado. O culto a Garibaldi, vestido com o poncho sul-americano, foi revitalizado entre os gaúchos a partir do final do século XIX, quando ganhava força um movimento regionalista republicano que recuperava o mito e a epopeia da revolução independentista (CONSTANTINO; OSPITAL, 1999, p. 145). A ideia de erguer um monumento nasceu em 1907, por ocasião das comemorações do centenário de nascimento do herói dos dois mundos, quando foi formado um comitê pró-monumento, composto pelos presidentes das diversas sociedades italianas de Porto Alegre. Uma estátua de Garibaldi e de sua fiel companheira brasileira tornou-se, assim, a homenagem simbólica que a comunidade italiana do Rio Grande do Sul dedicou à história de seus imigrantes e descendentes nestas terras e, ao mesmo tempo, representou o emblema da gratidão que esse grupo expressou em relação ao país anfitrião (RAMOS; VARGAS; LIMA, 2014, p. 266-282). O Comitê se encarre-

Com profundas convicções republicanas e democráticas, Mazzini foi uma das principais personalidades do *Risorgimento* italiano, distinguindo-se particularmente na luta pela independência e pela formação de um Estado e de uma consciência unitários.

gou de arrecadar doações da comunidade para a compra do monumento em mármore, que, vindo diretamente das oficinas de Carrara, seria colocado na antiga Praça da Concórdia. Na data escolhida, XX de setembro de 1913, os 55 delegados das associações italianas, não só de Porto Alegre, mas também do interior, se reuniram na sede da Vittorio Emanuele II. Dali, iniciou-se uma procissão em direção ao que viria a ser a nova *Praça Garibaldi*, com centenas de pessoas seguindo as bandeiras dos sodalícios italianos, acompanhadas pelas bandas musicais da Umberto I e da Brigada Militar. Outras famílias “em carros, bonde e automóveis se dirigiram para a Praça Garibaldi”⁵. À tarde, na presença do cônsul italiano Beverini e do presidente do Estado, Borges de Medeiros, bem como de numerosos representantes civis e militares, as bandeiras da Itália, do Brasil e do Rio Grande do Sul desfilaram, cobrindo o imponente monumento de mármore; os três hinos diferentes foram tocados; e centenas de fogos de artifício foram lançados. O orador oficial designado para representar a colônia italiana foi o Doutor Stefano Paternò, que apresentou a estátua ao povo do Rio Grande do Sul, após exaltar os feitos heroicos do guerreiro Garibaldi e da valente Anita. A ele respondeu o orador oficial do Estado, Doutor Ildefonso Soares Pinto, que, expressando sua gratidão, relembrou os episódios épicos que ligaram o nome de Garibaldi às batalhas farroupilhas. A solenidade do evento foi complementada por outras comemorações festivas da comunidade italiana e, durante todo o dia, a sede do consulado, bem como as das diversas associações, permaneceram enfeitadas e iluminadas. À noite, na mesma Piazza Garibaldi, iluminada para a ocasião, várias bandas tocaram, seguidas por uma apresentação de fitas cinematográficas. Às dez horas da noite, fogos de artifício sinalizaram o fim temporário da celebração. De fato, no dia seguinte, o Comitê Pró-Monumento ofereceu uma festa no salão da Confeitaria Rocco, para representantes de sociedades italianas que haviam chegado do interior do Estado, enquanto a associação Umberto I, festivamente decorada para a ocasião, apresentava um espetáculo e um baile. Tudo isso foi acompanhado pela música da banda que era o verdadeiro orgulho do sodalício italiano. Todos os principais jornais, juntamente com os de língua italiana, registraram com amplo destaque a importância da celebração e a relevância de um monumento público que se tornou o símbolo da fraternidade dos dois povos⁶. Os dois jornais étnicos *Stella d'Italia* e *Araldo Coloniale* apresentaram uma edição especial, colocando uma foto do monumento inaugurado na primeira página, assim como *O Correio do Povo* e *A Federação*, que deram grande ênfase ao evento.

5 *Correio do Povo*, 21 de setembro de 1913.

6 *Correio do Povo*, 20, 21, 22 de setembro de 1913.

Diz-se que a formalização do 20 de setembro como feriado civil italiano só ocorreu em 1895, pelo governo Crispi. Isso não significa que antes dessa data o evento não fosse lembrado entre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Há inúmeros depoimentos nos jornais da época, atestando festividades e comemorações nas cidades mais e menos importantes do Estado⁷. Nessa ocasião, foram hasteadas bandeiras tricolores nas fachadas das casas “italianas”; também foram organizados concertos e festas dançantes, por exemplo, nas associações italianas de Porto Alegre, que tinham mesas repletas de doces e bebidas para o evento. Em outros casos, a data era aproveitada para inaugurar o nascimento de uma nova associação ou para organizar eventos de caridade em favor de organizações específicas, como aconteceu em 1891 com o hospital italiano (que nunca foi construído); em outras ocasiões, a festividade se tornava o pretexto para organizar banquetes, almoços ou jantares luxuosos entre os membros das várias agremiações étnicas, que sempre encerravam o ritual com discursos patrióticos em comemoração ao evento militar da épica “tomada de Roma”. Até mesmo o jornal *A Federação*, órgão do partido republicano rio-grandense, nunca se esquecia de, ao lado do amplo espaço dedicado à memória da Revolução Farroupilha, lembrar a data simbólica da unificação italiana e exaltar o papel que a “pátria do sublime Dante” havia desempenhado com a participação de seus patriotas nos eventos gaúchos. Abundavam as referências a Tito Lívio Zambeccari, o “diretor espiritual” da revolução em sua primeira fase; a Luigi Rossetti, fundador do jornal revolucionário *O Povo*; e, acima de tudo, a Giuseppe Garibaldi, que, justamente como soldado da república rio-grandense, começou a consolidar o mito do “herói de dois mundos⁸”. No 20 de setembro de 1885, dia do cinquentenário farroupilha, na primeira página inteiramente dedicada ao importante aniversário, apareceu uma pequena coluna intitulada *Um bravo à Itália*, que relembrava os quinze anos passados desde a tomada de Roma e as grandes conquistas alcançadas por esse povo de “trabalhadores enérgicos” que, “apesar” do sistema monárquico vigente, havia construído um país democrático e livre⁹.

Foi, no entanto, a partir de 1895, vinte e cinco anos após a tomada de Roma, que a comemoração assumiu um tom mais formal e uma pompa maior, em virtude do mesmo reconhecimento oficial dado a ela no calendário civil da nação. Foi exatamente nessa ocasião que ocorreram conflitos étnico-religiosos, levando a tensões com parte da comunidade alemã presente na capital. Na noite de 19 de setembro, um artigo repleto de in-

7 Veja-se: *A Federação*, 20 de setembro de 1884; *A Federação*, 20 de setembro de 1885.

8 *A Federação*, 20 de setembro de 1886.

9 *A Federação*, 20 de setembro de 1885.

sultos dirigidos à Itália, que foi mencionada como “desprezível, baixa, torpe, miserável”, foi impresso na gráfica do jornal católico alemão *Deutsches Volksblatt*, também conhecido como *Gazeta Alemã*. Os italianos eram chamados de “bandidos, homens sem moral, guiados por instintos vis” (SIMÕES; CONSTANTINO, 1996, p. 96). Essas palavras representaram uma séria afronta, especialmente por terem sido proferidas no dia mais representativo da colônia italiana no Estado. Serviram ainda mais para reforçar um sentimento de identidade e, ao mesmo tempo, para provocar uma reação violenta que se concretizaria poucos dias depois, quando um grupo de cerca de 200 agitadores italianos, diante da recusa do editor em fazer um pedido oficial de desculpas à comunidade, atacou a redação e a gráfica do jornal, onde também era publicado o periódico italiano *Corriere Cattolico*, que circulou em Porto Alegre entre 1891 e 1895 (POSSAMAI, 2004, p. 561-584). Depois de derrubar as portas com paus de ferro orgulhosamente forrados com papel “tricolor”, os manifestantes destruíram máquinas e ferramentas da tipografia e até tentaram incendiar o prédio (SIMÕES; CONSTANTINO, 1996, p. 99-100). Esse episódio desagradável não comprometeu o curso pacífico geral das comemorações, que naquele ano foram muito populares. Elas se estenderam por três dias no fim de semana de sexta-feira, dia 20, a domingo, dia 22. O jornal *A Federação* reconstituiu as principais etapas, que incluíram um desfile com bandeiras e bandas no primeiro dia. Em todas as casas de italianos ou descendentes orgulhosos de sua origem, a bandeira nacional foi exibida, enquanto os manifestantes usavam “um laço de fita tricolor” no peito. Também apareceram faixas alusivas a “Roma redimida” e a uma Itália unida. Uma sessão solene organizada pela sociedade *Umberto I* foi realizada nos amplos salões da *Vittorio Emanuele II*, na Rua dos Andradas, o centro do comércio italiano na capital, enquanto uma feira beneficente foi aberta ao público no *Salão Literário*. No dia seguinte, a associação organizou um suntuoso baile no Salão do Centro Republicano. Finalmente, no terceiro dia, domingo, as comemorações foram encerradas no Prado Independência. Nesse espaço, as festividades assumiram um caráter popular com vários jogos e atrações abertas ao público, como o jogo de um “mastro de cocagne”, com prêmios generosos. Houve também um grande churrasco, em estilo gaúcho, com carne “assada com couro”, enquanto bandeiras de associações italianas de todo o Rio Grande do Sul desfilavam no gramado, ao som das bandas Floresta Aurora e Progresso Industrial. Uma placa comemorativa foi preparada e um álbum assinado pelo cônsul foi enviado diretamente a Roma para ser exposto nos Museus Capitolinos. Como lia-se nas colunas do jornal republicano de Porto Alegre, muitas famílias e cidadãos compareceram ao evento, demonstrando solidariedade aos italianos e participando

com eles das muitas atividades lúdicas¹⁰.

Em minhas pesquisas, especialmente em relação aos contextos urbanos, encontrei com frequência uma participação popular que eu definiria como espontânea, apesar da natureza controversa da data. Evidentemente, Porto Alegre, com sua abundante comunidade italiana e, sobretudo, graças às numerosas associações leigas e às diversas agremiações culturais, recreativas, musicais ou esportivas, foi o centro mais capaz de reunir um número maciço de italianos nessas celebrações. O que surpreende, por outro lado, é a participação não desprezível nas outras cidades do Rio Grande do Sul, não somente nos principais centros coloniais, como Bento Gonçalves, Garibaldi e Caxias do Sul, mas também nas mais distantes e periféricas Pelotas, Rio Grande, Bagé e Alegrete, onde as comunidades de italianos, às vezes relativamente pequenas, participavam das celebrações, que sempre incluíam um componente mais solene e evocativo, ao qual se somavam bailes, festas populares, feiras beneficentes, etc. Os momentos de maior envolvimento, quando as celebrações se estendiam por vários dias, eram aqueles em que se comemoravam aniversários importantes da história política e social italiana. Por exemplo, 1907, o ano do centenário de Garibaldi; 1911, que marcou o cinquentenário da Unificação Italiana; ou ainda mais em 1925, quando foi comemorado o cinquentenário da colonização italiana no Estado do Rio Grande do Sul.

Em 1907, por exemplo, a data de 20 de setembro foi escolhida para inaugurar o nascimento da associação mutualista “Unione Italiana” na pequena cidade de fronteira de Alegrete, onde “a minúscula comunidade italiana” presente havia dado um exemplo de “afirmação exemplar de patriotismo” (CINQUANTENARIO, 2000, p. 384). No mesmo dia, uma impressionante celebração foi organizada em Pelotas para inaugurar uma placa dedicada a Garibaldi cem anos após seu nascimento. O artefato chegou com atraso e teve que esperar até outro momento para ser apresentado. Apesar disso, o programa de comemorações permaneceu inalterado e - como o *Correio do Povo* avisou - um “grande espetáculo de gala” com um baile de encerramento seria realizado no dia seguinte¹¹.

Em 1911, o mesmo jornal dedicou um grande espaço à comemoração do *Risorgimento* italiano, publicando ilustrações de seus heróis e traçando as linhas desse processo histórico que havia marcado a península durante boa parte do século XIX. No dia 20 de setembro daquele ano, representantes de inúmeras associações italianas de Porto Alegre e de outros centros menores se reuniram nas salas da Vittorio Emanuele II, na Rua 7 de setembro, para

10 A Federação, 19, 21, 23 de setembro 1885.

11 Correio do Povo, 21 de setembro de 1907.

realizar, com a bênção do cônsul Beverini, o projeto de criação de uma Federação das Sociedades Italianas, a fim de estabelecer uma rede mais sólida de proteção e valorização da comunidade em todo o Estado. Embora essa ideia de unificar grupos regionais e diferentes componentes ideológicos dentro de toda a comunidade logo caísse no esquecimento, como já havia acontecido antes, o dia 20 de setembro mais uma vez se apresentou como a data que, mais do que qualquer outra, simbolizava o caráter unitário da identidade italiana no sentido mais amplo. Da sede da sociedade, os delegados, acompanhados por uma banda, seguiram para o teatro São Pedro, onde, em meio às bandeiras italiana e brasileira, foi exibida uma grande imagem de Garibaldi, antes de prosseguir com a execução da marcha real pela banda Umberto I, que introduziu o início dos discursos solenes e retóricos para relembrar os eventos “gloriosos” da Unificação italiana¹².

Durante a Primeira Guerra Mundial, que viu a participação direta da Itália no conflito, foi mantida uma maior sobriedade nas comemorações, sem, no entanto, renunciar à exibição da bandeira tricolor no dia da comemoração em todas as associações italianas¹³. Em 1920, cinquenta anos após a tomada de Roma, por outro lado, as comemorações foram suntuosas e começaram já em 18 de setembro, com um grande baile realizado no salão da italianíssima “Confeitaria Rocco”, e continuaram com várias celebrações que incluíam uma procissão até a estátua de Garibaldi, além de discursos patrióticos nas sedes das principais associações da cidade. No entanto, algo estava mudando, e a experiência da recém-terminada Primeira Guerra Mundial também marcaria fortemente a representação simbólica e o sentimento da terra natal nas várias comunidades italianas no exterior. O conflito havia criado novos rituais cívicos e acentuado a sacralização da própria nação. A evocação dos eventos do *Risorgimento*, que agora pareciam mais apagados, foi sobreposta pela mitificação da experiência da guerra, especialmente pelos veteranos, que também em Porto Alegre desempenharam um papel significativo na organização das principais celebrações patrióticas. Entre os jovens italianos e ítalo-descendentes residentes no Rio Grande do Sul, mais de 400 reservistas e voluntários haviam retornado ao país para participar do conflito. Desses, cerca de quinze perderam a vida em batalha. Os ex-combatentes italianos que haviam retornado ao Rio Grande do Sul se uniram em uma associação específica, a “*Società dei Reduci di Guerra*” (Sociedade dos Veteranos de Guerra), que foi inaugurada em 20 de setembro de 1920 na sede da Vittorio Emanuele II, com a presença do cônsul Massimo Goffredo. Na ocasião, os soldados receberam a medalha de prata das auto-

12 *Correio do Povo*, 20 e 21 de setembro de 1911.

13 *Correio do Povo*, 21 de setembro de 1915.

ridades italianas, que sancionaram seu valor e reconheceram seu sacrifício pela nação, da qual se tornaram novos símbolos úteis para consolidar um espírito de fraternidade étnica e de identidade¹⁴.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Provavelmente, 1925, coincidindo também com o cinquentenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, que seria comemorado em dezembro, foi o último ano em que a festa de 20 de setembro manteve uma participação sentida entre os imigrantes. Já estávamos longe dos primeiros grandes fluxos de italianos que chegavam ao Estado, e mesmo os esforços do novo regime fascista para preservar e revigorar a questão da identidade entre os ítalo-descendentes não foram suficientes para alcançar o resultado desejado. No dia 20 de setembro daquele ano, como de costume, o consulado recebeu representantes das várias associações, bem como da colônia em geral, e alunos das principais escolas fundadas nos sodalícios étnicos Elena di Montenegro, Umberto I e no Instituto Dante Alighieri. O Clube Náutico Italiano “Duca degli Abruzzi” organizou competições náuticas, regatas, bem como provas de velocidade atlética de 100 e 400 metros, além de torneios de futebol. Quatro anos mais tarde, o mesmo governo fascista aboliria, pelo menos oficialmente, o feriado de 20 de setembro, considerado uma data inconveniente a ser mantida após os Pactos de Latrão, que, em 1929, aproximaram o fascismo da Igreja Católica.

Enfim, a análise das celebrações do 20 de setembro entre os imigrantes italianos pode ajudar a entender melhor as dinâmicas que acompanharam o processo de consolidação identitária de toda a coletividade. A partir das elites intelectuais italianas, que se apoiavam nos periódicos étnico-burgueses publicados nas várias comunidades gaúchas, percebe-se o esforço de manter vivo um sentimento nacional-patriótico contra o risco de uma rápida assimilação no lugar de acolhimento. A valorização de alegorias identitárias e de verdadeiras “liturgias cívicas”, como a festa em questão, permitiram que também os imigrantes nos contextos rurais, mais isolados, adquirissem um sentimento nacional verdadeiramente italiano somente nos novos destinos.

Ao mesmo tempo, o fato de possuir uma data civil em comum com os gaúchos foi utilizado também como estratégia para reforçar laços políticos e culturais com o Estado anfitrião. O alinhamento com o poder local, quando possível, se tornava uma estratégia útil para alcançar reivindicações, sobretudo nos primeiros anos do século XX, quando se reforçou uma

14 *Correio do Povo*, 19 e 21 de setembro de 1920.

narrativa regional gaúcha que identificava em Garibaldi e seus camaradas italianos e “farrapos” os valores mais sinceros pela defesa da liberdade.

REFERÊNCIAS

- BENEDUZI, Luís Fernando. Nem Jerusalém nem Sodoma: a vivência da religião nas comunidades italianas da serra gaúcha nos inícios do século XX. In: SULIANI, Antônio (org.). *Etnias & Carisma*. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2001.
- Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud: 1875-1925*. Vol. I. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de – OSPITAL, María Silva. Construção da identidade e associações italianas: La Plata e Porto Alegre (1880-1920). In: *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v.XXV, n.2 (1999).
- CONTI, Fulvio. *Il sommo italiano: Dante e l'identità della nazione*. Roma: Carrocci Editore, 2021.
- _____. *Italia immaginata: sentimenti, memoria e politica fra Otto e Novecento*. Pisa: Pacini Editore, 2017.
- DE BONI, Luis Alberto. *Bento Gonçalves era assim*. Porto Alegre: EST, 1985.
- DE RUGGIERO, Antonio; BARAUSSE, Alberto. Novas fontes de imprensa étnica italiana em Porto Alegre: o caso do periódico *Stella d'Italia*. In: RADÜNZ, Roberto; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. *Imigração e Emigração: balanço historiográfico no sul do Brasil*. Caxias do Sul: EDUCS, 2022, p. 401-428.
- FRANZINA, Emilio. *La terra ritrovata. Storiografia e memoria della prima immigrazione italiana in Brasile*. Genova: Stefano Termanini Editore, 2014.
- _____. Pátria, região e nação: o problema da identidade na Imigração Italiana na América Latina. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (orgs.). *Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.
- POLETTI, Darcí. *Primeiras pedras*. Bento Gonçalves: edição do autor, 2014.
- POSSAMAI, Paulo. “Dall’Italia siamo partiti”. A questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005.
- _____. Imprensa e italianidade: RS (1875-1937). In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (orgs.). *Imigração & Imprensa*. Porto Alegre: EST edições, 2004.

- POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. *100 anos de imprensa regional: 1897-1997*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz; VARGAS, Bianca de; LIMA, Tatiane de. Imigrantes em monumentos: da gratidão às homenagens. In: ____; MARTÍNEZ, Elda Evangelina González; ARENDT, Isabel Cristina; CUNHA, Jorge Luiz da; WITT, Marcos Antônio. *História da imigração: Possibilidade e Escrita*. São Leopoldo: OIKOS-Editora Unisinos, 2014.
- RIDOLFI, Maurizio. *Le feste nazionali*. Bologna: il Mulino, e-book, 2011.
- SIMÕES, Rodrigo Lemos; CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Diversidade e tensões: Porto Alegre no final do século XIX. In: *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v.XXII, n.1 (1996).

Recebido em: 10/07/2024

Aceito em: 03/10/2024